



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

**OLÁVIA FERNANDES**

**PERCURSOS DE RESISTÊNCIAS DE ALUNAS/OS NEGRAS/NEGROS DO ENSINO  
MÉDIO DA ESCOLA ECI PROFESSOR ITAN PEREIRA (CAMPINA GRANDE-PB)  
EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID 19**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

OLÁVIA FERNANDES

**PERCURSOS DE RESISTÊNCIAS DE ALUNAS/OS NEGRAS/NEGROS DO ENSINO  
MÉDIO DA ESCOLA ECI PROFESSOR ITAN PEREIRA (CAMPINA GRANDE-PB)  
EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID 19**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação /Departamento do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Sociologia.

**Área de concentração:** Ciências Sociais

**Orientadora:** Professora. Dra. Jussara Natália Moreira Bélens de Melo.

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F363p Fernandes, Olávia.

Percurso de resistências de alunas/os negras/negros do ensino médio da Escola ECI Professor Itan Pereira (Campina Grande-PB) em tempos de pandemia da Covid-19 [manuscrito]

/ Olávia Fernandes. - 2022.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Jussara Natália Moreira Bélen de Melo, Departamento de Ciências Sociais - CEDUC."

1. Racismo. 2. Ensino médio. 3. Pandemia Covid-19. I.

Título

21. ed. CDD 373

**OLÁVIA FERNANDES**

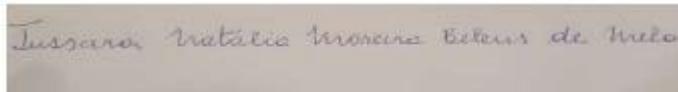
**PERCURSOS DE RESISTÊNCIAS DE ALUNAS/OS NEGRAS/NEGROS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ECI PROFESSOR ITAN PEREIRA (CAMPINA GRANDE-PB) EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID 19**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação /Departamento do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Sociologia.

Área de concentração: Ciências Sociais.

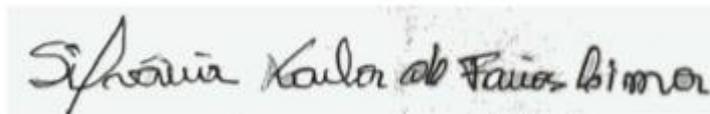
Aprovada em: \_05\_/\_12\_/\_2022\_.

**BANCA EXAMINADORA**



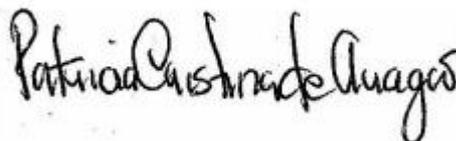
---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Jussara Natália Moreira Bélens de Melo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof.<sup>a</sup>. Me. Silvânia Karla de Farias Lima  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Patrícia Cristina de Aragão  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNE	Conselho Nacional de Educação
ENEM	Exame Nacional de Ensino Médio
EJA	Ensino para Jovens e Adultos
ECI	Escola Cidadã Integral
FIEP-SENAI	Federação das Indústrias do Estado da Paraíba- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
FIEP	Federação das Indústrias do Estado da Paraíba
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INST CTCC	Centro de Formação Profissional do Couro e do Calçado Albano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei Diretrizes de Bases
MEC	Ministério da Educação
NIS	Número de Inscrição Social
PSF	Posto de Saúde Familiar
PIB	Produto Interno Bruto
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
STF	Supremo Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>08</b>
<b>2.1</b>	<b>Objetivo geral</b>	<b>08</b>
<b>2.2</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>08</b>
<b>3</b>	<b>O RACISMO INSTITUCIONAL: O BIOLÓGICO E ÊTNICO CULTURAL: O “EU” PREEXISTENTE</b>	<b>08</b>
<b>4</b>	<b>CONCEITOS DE ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS</b>	<b>12</b>
<b>4.1</b>	<b>A participação de alunas/os negras/os e pardas/os no ensino remoto</b>	<b>12</b>
<b>5</b>	<b>A INVISIBILIDADE DA EDUCAÇÃO PARA AS/OS ALUNAS/OS NEGRAS/OS E PARDAS/OS PRESENTE NAS ESTADÍSTICAS</b>	<b>15</b>
<b>6</b>	<b>RACISMO INSTITUCIONAL E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS DAS/OS ALUNAS/OS NEGRAS/OS EPARDAS/OS NO ENSINO REMOTO</b>	<b>18</b>
<b>7</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>21</b>
<b>8</b>	<b>RESULTADO</b>	<b>23</b>
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>25</b>

**PERCURSOS DE RESISTÊNCIAS DE ALUNAS/OS NEGRAS/NEGROS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ECI PROFESSOR ITAN PEREIRA (CAMPINA GRANDE-PB) EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID 19**

**RESISTANCE PATHS OF BLACK STUDENTS IN HIGH SCHOOL AT ECI PROFESSOR ITAN PEREIRA STATE SCHOOL (CAMPINA GRANDE-PB) IN TIMES OF THE COVID 19 PANDEMIC**

Olávia Fernandes<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este estudo investiga percursos de resistências de alunas/os negras e pardas/os do ensino médio da Escola Estadual ECI Professor ITAN PEREIRA (Campina Grande- PB) em tempos de pandemia da Covid 19. Este estudo foi realizado entre os anos 2020-2022, recorte que compreende a pandemia da covid 19 no Brasil. Para a realização do trabalho fizemos uso da metodologia qualitativa, por meio da etnografia, da observação direta, da entrevista com perguntas abertas realizadas pela plataforma *Google forms* e levantamento em documentos escolares (fichas de matrículas) das/os alunas/os do ensino médio da instituição de ensino escolhida para estudo. Como embasamento teórico o estudo se utilizou dos conceitos de estratégias e táticas na concepção de Michel de Certeau (1994) para analisarmos as estratégias do racismo institucional que segregam os corpos estudantis negros, assim como as táticas das/os alunas/os que resistem de diferentes maneiras às estratégias institucionais que separam de forma desigual os corpos das/os jovens estudantes do ensino médio. Nos pautamos também, no conceito de Racismo Institucional, à luz do filósofo Sílvio Almeida (2018), que compreende este conceito como oriundo da falta de simetria econômica e das prerrogativas internas das instituições.

**Palavras-chave:** Racismo Institucional. Estratégias. Táticas. Ensino Médio. Pandemia Covid. 19.

**ABSTRACT**

This study investigates resistance pathways of black and brown high school students at ECI Professor Itan Pereira State School (Campina Grande-PB) in times of the Covid 19 pandemic. This study was carried out between the years 2020-2022, a cut that includes the covid 19 pandemic in Brazil. To carry out the work, we used a qualitative methodology, through ethnography, direct observation, interviews with open questions carried out on the Google forms platform and a survey in the school documents (enrollment forms) of high school students at the educational institution chosen for study. As a theoretical basis, the study used the concepts of strategies and tactics in the conception of Michel de Certeau (1994) to analyze

---

<sup>1</sup> Graduanda em licenciatura em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: [olavia.fernandes@gmail.com](mailto:olavia.fernandes@gmail.com).

the strategies of institutional racism that segregate black student bodies, as well as the tactics of the students who resist in different ways. ways to institutional strategies that unequally separate the bodies of young high school students. We are also based this study on the concept of Institutional Racism, developed by the philosopher Silvio Almeida (2018), who understands this concept as arising from the lack of economic symmetry and the internal prerogatives of institutions.

**Keywords:** Institutional Racism. Strategies. Tactics. High school. Covid pandemic. 19.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada na Escola Estadual Cidadã Integral Professor Itan Pereira, localizada no bairro de Bodocongó, Campina Grande-PB. Esta escola fica situada na periferia da cidade, nas imediações do açude de Bodocongó. A escola se limita à direita com instituições, defronte ao prédio da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba-Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (FIEP-SENAI) e ao Centro de Formação Profissional do Couro e do Calçado Albano (INST CTCC) e, à esquerda com casas de moradores do bairro. O acesso à mobilidade urbana acontece através das linhas de ônibus 263, 303, 333, São José da Mata e Mutirão, que transitam às margens do açude de Bodocongó.

A Escola Estadual Cidadã Integral Professor Itan Pereira possui a seguinte descrição física: É rodeada por um muro mediano<sup>2</sup>; tem entrada para pedestres e entrada para carros, ambas as entradas são atendidas por porteiros que se comunicam com a parte administrativa sem se ausentarem das portarias, através de um rádio amador, e o departamento administrativo da instituição educacional fica centralizado no terreno da escola, dando visibilidade para as salas de aulas.

As partes da escola que o administrativo não tem visibilidade<sup>3</sup> são: o pátio, a área de leitura, o laboratório de informática, os sanitários (masculino e feminino), a distribuição de merenda e o estacionamento. Estes espaços são observados pelo monitoramento de câmeras. Mesmo com a presença de câmeras, todas as salas possuem as janelas gradeadas e outras possuem as portas gradeadas também. As salas de aula da escola são arejadas naturalmente pela arborização e pelos janelões que se destacam na arquitetura da escola.

A Escola Estadual Cidadã Integral Professor Itan Pereira é um espaço de ensino e aprendizado direcionado à educação básica, localizada no bairro de Bodocongó. Este bairro passou por mudanças sociais e espaciais provocadas pelo desenvolvimento urbano, ocorrido pela presença da industrialização. O bairro de Bodocongó foi o local escolhido para a instalação de fábricas,<sup>4</sup> permanecendo, atualmente, no seu espaço geográfico, as instalações recentes (ativas) e as instalações antigas (desativadas) de empresas. A presença de empresas no bairro fomenta o ingresso profissional precoce das/os jovens no mercado de trabalho (COSTA, 2014).

O interesse das/os jovens pelo ingresso profissional está ligado à subsistência. Então, a jovem pesquisadora, também concluinte de um curso de licenciatura em Sociologia, autora desse trabalho de conclusão (TCC), se coloca aqui na condição de mulher negra, que terminou o ensino médio na modalidade de Ensino para Jovens e Adultos (EJA), no ano de 2006, na escola de Ensino Fundamental do Monte Santo, na cidade de Campina Grande-PB, no turno

---

2 Muro médio construído com tijolos, com divisões com coluna de alvenaria. Nestes espaços de uma coluna para outra existem gradeados e o portão de entrada.

3 Estes espaços ficam localizados nas laterais do setor administrativo, não tem visão frontal como as salas de aulas. O monitoramento de câmeras visualiza a entrada dos banheiros, não tem câmeras internas.

4 Indústria têxtil. IPELSA Indústria de Celulose e Papel da Paraíba S.A., pedreiras e marmoraria, entre outras.

noturno. Cursar o EJA não foi uma opção, foi uma necessidade de dividir o tempo entre a família, o trabalho, a escola e o lazer. Atualmente, como estudante do curso de licenciatura em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), busco compreender os mecanismos de racismo institucional através da observação feita na Escola Estadual Cidadã Integral Professor Itan Pereira, Bodocongó, Campina Grande-PB.

A pesquisa sobre racismo começou na graduação em Sociologia, na condição de bolsista do Programa Residência Pedagógica- CAPES-UEPB, no período de agosto de 2018 a janeiro de 2020, sob a supervisão e orientação da coordenadora Jussara Natália Moreira Bérens Melo, no qual realizamos o projeto de intervenção<sup>5</sup> chamado *Consciência negra: ensino e aprendizagem*.

Seguindo adiante, em outubro de 2020 foi publicado um artigo, descrevendo o primeiro festival de Quilombolas da Paraíba. O nome do artigo era *Comunidade Caiana dos Crioulos: uma quebra a imersão do silêncio*<sup>6</sup>. Este artigo foi fruto de uma aula de campo organizada e guiada pela professora antropóloga Maria Cristiane Nepomuceno, que ministrou o componente curricular Antropologia da Educação, na Universidade Estadual da Paraíba.

Em novembro de 2020 houve oportunidade de ministrar *aulões* pré-vestibulares como preparação para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), promovido pela Escola Estadual Cidadã Integral Professor Itan Pereira, no bairro de Bodocongó, em Campina Grande-PB, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba. A temática abordada foi Racismo Estrutural. Este *aulão* foi ministrado através da Plataforma do *Google Meet*. sob a supervisão da professora doutora Iolanda Barbosa da Silva (UEPB), professora do componente curricular Estágio Supervisionado III, e de Maria do Socorro, professora de Sociologia da Escola Estadual ECI Professor Itan Pereira.

Posteriormente, no período de março de 2021 a dezembro de 2021, participei como monitora voluntária no curso de extensão *Juventudes em debate: saberes sociológicos como ferramentas do cuidado de si entre jovens na contemporaneidade*, que teve como coordenadora a Professora Jussara Natália Moreira Bérens Melo. Este curso de extensão desenvolveu a pauta sobre a diversidade jovem, trazendo professores e ativistas negros de diferentes instituições de ensino em nível local e nacional para refletir sobre as juventudes negras em diferentes aspectos e transversalidades. Em uma das rodas de conversas se refletiu sobre a temática: *Ser negro no Brasil*. Nestes debates palestraram as professoras doutoras Maria Cristiane Nepomuceno e Margareth Maria de Melo e tivemos a presença da comunidade Batalha do Pedregal, todas discorrendo sobre as juventudes negras atravessadas pelas desigualdades raciais, econômicas, culturais e sociais em Campina Grande, na Paraíba e no Brasil.

A professora Maria Cristiane Nepomuceno fez uma explanação sobre os fatos históricos de lutas e resistências do povo negro em solo brasileiro, relatando desde a falta de direitos sociais no período colonial até as prerrogativas atuais. A professora Margareth Maria de Melo apresentou a realidade atual do espaço social que o negro se encontra no território brasileiro, fazendo comparações dos espaços ocupados na área profissional, educacional e política. Dessa forma, a linha de pensamento se descrevem os avanços dos direitos sociais da população negra no Brasil, conquistados através das lutas históricas do Movimento Negro<sup>7</sup>. Assim, as rodas de conversas realizadas na extensão supracitada nos possibilitaram perceber os marcadores de desigualdade étnico-racial, atravessados pela classe, gênero, territorialidade,

---

5 É uma ferramenta de ensino usada para compreender ou explicitar uma temática social, produzindo conhecimento e mudança no contexto escolar.

6 Este artigo foi publicado no CONEDU 2020, versão *online*.

7 Em 2012 O Supremo tribunal Federal (STF) determinou que as ações afirmativas fossem constitucionais. Política pública essencial para combater as desigualdades sociais (LIMA, 2010).

cultura, assim como as formas de resistências apresentadas nas histórias de vida das/os convidadas/dos da *Comunidade Batalha do Pedregal*, resistindo às diferentes marcas de violência do racismo estrutural, através da arte.

A partir das experiências pessoais e acadêmicas apresentadas, percebemos a importância deste trabalho de conclusão de curso, tanto para a nossa formação inicial e continuada, como enquanto futura professora de Sociologia da educação básica, cidadã, mulher, mãe, negra, assim como para os estudos sociológicos acerca dos desafios de jovens negras/os no processo de escolarização em uma escola pública da cidade de Campina Grande- PB. Pois, percebemos a necessidade de pesquisarmos sobre o racismo institucional que acomete vidas de jovens estudantes da educação pública nesta cidade, frente à incipiente produção sociológica a esse respeito.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo geral

Compreender os percursos de resistências de alunas/os negras/os do ensino médio da Escola ECI Professor Itan Pereira (Campina Grande-PB) em tempos de pandemia da Covid 19.

### 2.2 Objetivos específicos

Este estudo tem como objetivos específicos:

Abordar, por meio da leitura bibliográfica, o racismo institucional e os conceitos de estratégias e práticas de resistências;

Identificar a participação de alunas/os negras/es/pardas/os no ensino remoto;

Verificar o racismo institucional e práticas de resistências das/os alunas/os negras/os pardas/os no ensino remoto.

## 3 O RACISMO INSTITUCIONAL: O BIOLÓGICO E ÉTNICO CULTURAL: O “EU” PREEXISTENTE

Para chegar ao conceito de ser negro no Brasil não devemos relacionar as vivências de um povo apenas pelo discurso de nacionalidade, tipo: negro é quem nasce na África. Para refletirmos sobre as condições das juventudes negras no espaço escolar precisamos ir além das abordagens biologizantes que limitam e, muitas vezes, naturalizam as desigualdades raciais. Precisamos refletir sobre os marcadores de desigualdades raciais apresentadas no cotidiano escolar da educação básica, assim como das práticas de resistências das/os estudantes negras/os, à luz de abordagens sociopolíticas, filosóficas e antropológicas.

Apenas desta forma poderemos fazer releituras de um passado ardil e submisso e da perpetuação das relações de subordinação da negritude na sociedade brasileira. Para isto, se faz necessário evidenciar o fato das/os negras/os serem trazidos da África para o Brasil pelo branco colonizador que anulou, através dos grilhões da escravidão, a identidade afrodescendente. E esta aculturação violenta foi legalizada, à época, pelo discurso ideológico/econômico escravocrata. O discurso filosófico eurocêntrico tinha como base a colonização a partir de quatro pontos de vista: o **religioso**, o **linguístico**, o **social** e o **biológico** (GOMES, 2017).

Assim, são pelos vieses das reflexões sociopolíticas e filosóficas que compreendermos a história social do Brasil tecida pela escravidão. No século XVI, com a conquista do território brasileiro, tivemos a chegada dos Jesuítas para evangelizar e alfabetizar os povos

indígenas e afros. Esta imersão de conhecimento através da alfabetização disseminava o conceito de etnocentrismo, elevando a supremacia dos senhores de engenhos. A igreja também detinha o conhecimento sobre diversos conceitos, como o conceito primário de raça.

O conceito de raça, nesta época, não oferecia um significado concreto. Havia divergência no uso de nomeação de coisas e objetos. Pela etimologia da palavra raça este termo não pode ser interpretado de forma única: precisa do contexto histórico e social do lugar, conforme Almeida:

Há grande controvérsia sobre a etimologia do termo *raça*. O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma, ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de *raça* como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado (ALMEIDA, 2018.p. 24).

O conceito de raça foi se ressignificando na Idade Moderna, instituindo sua ligação a pessoas e intercalando pessoas de pele não branca a coisas. A coisificação foi um dos elementos para a promulgação do racismo no Brasil. Outro elemento foi a **linguística**. O Iluminismo trazia a ideia inovadora do termo civilização. Esta proposta filosófica iluminista colocava o **homem** como o centro da criação, da sua existência. Desta forma, para uma sociedade ser considerada civilizada deveria ser organizada a quatro requisitos: Biologia, Economia, Psicologia e Linguística, conforme;

O século XVIII e o projeto iluminista de transformação social deram impulso renovado à construção de um saber filosófico que tinha o *homem como seu principal objeto*. [...]. A novidade do iluminismo é o conhecimento que se funda na observação do homem em suas múltiplas *facetas e diferenças* “enquanto ser vivo (biologia), que trabalha (economia), pensa (psicologia) e fala (linguística)” (ALMEIDA, 2018.p. 26).

Com este pensamento iluminista estava posto o modelo de civilização ideal. Para ser uma civilização teria que deixar de ser cognoscente, não bastava apenas buscar explicações sobre as coisas, o homem teria que ser o provedor de suas necessidades. Sendo ele um ser vivo que se comunica e pensa, através do trabalho promoveria a estrutura estruturante de uma sociedade “civilizada”. Com essas ferramentas para a construção da civilização fica estabelecida a diferença entre o “civilizado” e o “selvagem”. Obviamente que a diferença entre o “civilizado” e o “selvagem” traçava diretrizes de comportamento, vestimentas e conduta, configurando, assim, o que era considerado socialmente aceito.

O **biológico** parecia ser a evidência para determinar o civilizado. No século XIX surgem perguntas sobre as diferenças humanas. Com essas indagações surgindo sobre a diversidade humana logo surgiram estudiosos de áreas distintas da ciência, como a Medicina empenhada em formular suas teorias deterministas. Essas teorias foram construídas com base nas ciências naturais e em dados coletados nos fenômenos como: condições climáticas ou ambientais. Assim, quem fosse mestiço<sup>8</sup> estava inclinado a desenvolver comportamentos imorais e violentos, originando o racismo científico, conforme;

A biologia e a física serviram como modelos explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas-determinismo biológico-ou condições climáticas e/ou ambientais- determinismo geográfico- seriam capazes de explicar as

---

8 Mestiço nascidos de pais de raças diferentes (MICRO DICIONÁRIO LUFT, 2000.p. 255).

diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes *raças*. Desse modo, a pele não branca e o clima tropical favoreciam o surgimento de *comportamentos imorais, lascivos e violentos*, além de indicarem *pouca inteligência* (ALMEIDA, 2018.p.29).

O racismo moderno operou de forma sistemática. Ele tinha referência de depreciar os não brancos, fazendo com que essa ação promovesse uma sociedade com a supremacia de indivíduos brancos. Para combater esta naturalização do racismo precisamos entender o contexto histórico do lugar social do indivíduo.

No Brasil, por exemplo, para identificar os mecanismos do racismo devemos analisar por dois vieses: o biológico e o étnico cultural. Isto porque o indivíduo brasileiro na atualidade não está interligado à África pela origem (nacionalidade), mas, sim pela descendência africana.

O **Étnico cultural** é a assimilação da identidade a uma parte geográfica, à religião, ou a outros costumes que representem o modo de vida dos indivíduos. Assim esse étnico cultural no Brasil gerenciou produções literárias em torno do cidadão mestiço brasileiro. Entre estas obras estava *Casa grande e senzala*<sup>9</sup> do autor Gilberto Freyre. Esta obra apresenta uma riqueza nos detalhes de como a sociedade brasileira estava organizada na época. A obra também apontou como a economia, a política e a cultura eram tecidas. Esta obra se destacou também por apresentar uma literatura que abordava a falsa ideia da harmonia entre negros e brancos nas relações sociais no Brasil.

Esta percepção foi reforçada pelo culturalismo na obra de Casa Grande e Senzala (2006), assim como pela forma como a política e a economia foram representadas de forma patriarcal e como a cultura foi regrada com uma nomenclatura de gênero, etnia e classe social. A obra também mostra como esta nomenclatura social define as relações sociais de forma espontânea e em harmonia. Percebemos isto no racismo institucional, que promulga seletivamente a separação dos indivíduos de forma sutil. Ou seja, o racismo institucional usa de táticas, normas, diretrizes para promover o público-alvo<sup>10</sup> através de uma cultura etnocêntrica. Por exemplo, a escola é um dos espaços públicos educacionais que reproduz as ideias que legitimam as desigualdades raciais que permeiam a estrutura social brasileira, reproduzindo o racismo institucional<sup>11</sup>.

Como exemplo de espaços educacionais como locus de reprodução do racismo institucional, temos os casos da Escola de Medicina da Bahia e da Escola de Direito de Recife, que adotaram o segmento politizado do cientificismo do século XIX, promulgando a segregação racial no Brasil. No século XIX, o cientificismo colocou em evidência o racismo institucional nas universidades brasileiras, que não permitiam a entrada de alunas/os cursistas que não tivessem a pele branca (SCHWARCZ, 1993). Assim a raça apresenta-se como um dispositivo de biopolítica<sup>12</sup>, fazendo centralização de direitos sociais.

Em nossas leituras sobre o racismo institucional, sendo este definido pelo estudioso filósofo, advogado e professor universitário Silvio Luiz de Almeida (2018), percebemos que as práticas de racismo no cotidiano escolar estão relacionadas à estrutura social. Desse modo, a presente pesquisa desnaturaliza a realidade das desigualdades entre jovens estudantes da educação básica de uma escola pública da cidade de Campina Grande- PB, marcadas pelo

---

9 FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala. 51ª ed. Ver.- Global. São Paulo, 2006.p.573.

<sup>10</sup> Pessoas que são privilegiadas pela raça/etnia comprovada cientificamente pela historiografia de uma nação ou população.

<sup>11</sup> Racismo Institucional é o sistema de desigualdade e de falta de simetria com base na raça, que ocorre através de instituições de órgãos públicos governamentais, corporações empresariais privadas e universidades.

<sup>12</sup> A biopolítica é um conceito utilizado por Michel Foucault, o qual determina mecanismos de controle sobre a população, neutralizando a visão de corpos individuais.

racismo estrutural, “uma vez que. racismo é [...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios a depender do grupo racial [...]” (ALMEIDA, 2018.p. 32).

O racismo institucional se define na diferença de classes sociais. Este é disseminado através da formação da sociedade, que tem cunho histórico escravista. Mesmo que não existam, teoricamente, escravos no século XXI, o racismo institucional se utiliza de mecanismos de exclusão racial. Este ocorre pela “complexidade das instituições econômicas, jurídicas e familiares envolvendo as relações sociais desenvolvidas através das mesmas” (ALMEIDA, 2018). Por esta razão o racismo vai se apresentar de várias formas na esfera social. Sendo que todos esses elementos são direcionados à raça negra, vejamos:

O efeito disso é que o racismo pode ter sua forma alterada pela ação ou pela omissão dos poderes institucionais – Estado, escola etc. -, que podem tanto modificar a atuação dos mecanismos discriminatórios, como também estabelecer novos significados para a raça, inclusive atribuindo certas vantagens sociais a membros de grupo raciais historicamente discriminados. Isto demonstra que, na visão institucionalista o racismo não se separa de um projeto político e de condições socioeconômicas específicas (ALMEIDA, 2018.p.29).

Este processo político secularizado também sofre um longo período de resistência. O conceito de resistência se aplica à militância de indivíduos que configuram a nação ligada à negritude. Ela define a luta por direitos sociais de pessoas que anteriormente não eram conjecturadas como cidadão. Associar a palavra resistência à raça negra é, sem dúvida, um conceito de resistência validado pela vivências destes indivíduos no Brasil. O referido conceito abarca ações de um povo contra o sistema. Resistência é a reação da população contra a ação de sociedades ou grupos que historicamente mantiveram privilégios em contrapartida a outros grupos (GOMES, 2017).

Este fenômeno pandêmico assimilou o direito à educação pública como uma educação voltada para a elite. Isto ocorre quando as camadas populares são obrigadas a consumir produtos tecnológicos que acompanhem o formato de aula remota. Faz-se necessário, então, estratégias para assegurar o direito à educação para todos.

A palavra, *estratégias* em Michel de Certeau (1994) remete à não quebra as regras, mas, à busca por uma reação que seja imersa à prática ao todo. Ou seja, seriam formas encontradas para manter o padrão social, sem perda de direito. Seria, neste contexto, burlar o sistema capitalista para se manter na estrutura da escola:

As “estratégias”, “combinações” sutis (“o agir é uma astúcia”), “navegam” entre as regras, “jogam com todas as possibilidades oferecidas pelas tradições usam está de preferência àquela, compensam uma pela outra”. Aproveitando o [...] jogar com a globalidade dos resultados sem ser obrigado à média em cada disciplina, elas se movem e deslizam de uma função para a outra, pondo em curto-circuito as divisões econômicas, sociais e simbólicas [...]. Às “estratégias” não “aplicam” princípios ou regras, mas escolhem entre elas o repertório de suas operações (CERTEAU, 1994. p.121).

As estratégias são metas para atingir objetivos. E esta estratégia termina sendo uma astúcia utilizada pelas/os alunas/os para se manterem no quadro do ensino público. A estratégia geralmente é organizada politicamente. Mas, neste caso não requer o uso de técnicas ou habilidades que convençam a hierarquia educacional de forma persuasiva. As condições impostas pelo socioeconômico de cada aluna/o serviram como justificativa para os retardatários: a falta de condições financeiras era aceita como justificativa para recebimentos atrasados de materiais didáticos impressos respondidos ou para a falta nas aulas;

A conveniência é, grosso modo, comparável ao sistema de “caixinha” (ou “vaquinha”): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse “preço a pagar” (Saber “comporta-se”, ser “conveniente”) [...] que ele obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana (CERTEAU et al, 1996, p. 39).

Para as/os alunas/os se manterem ligados à escola não era necessário apenas o formulário de matrícula; as sociabilidades entre parentes, vizinhos e amigos foi primordial para o compartilhamento de materiais tecnológicos e internet. Este tipo de relação social, a priori, se acentuava dentro do sistema de conveniência. A conveniência torna-se uma situação recorrente na qual o indivíduo tenta cumprir com seus compromissos sem ter como se igualar à situação imposta. Não tendo como custear o modo de vida almejado, o indivíduo cria situações de provimento para si.

O contexto atual é de enfrentamento profilático pandêmico que acentua ainda mais a exclusão de povos vulnerabilizados. Não foi diferente com o recorte de estudo deste artigo sobre uma instituição educacional pública: a Escola Estadual ECI Professor Itan Pereira. Isto porque, na visão institucionalista, é comum a multiplicação de instituições que gerenciem o controle no âmbito político e econômico. Principalmente se esta instituição estiver localizada em pontos periféricos da cidade.

## 4 CONCEITOS DE ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS

### 4.1 A participação de alunas/os negras/os e pardas/os no ensino remoto

O funcionamento presencial da escola ocorria naturalmente até a primeira metade do ano 2020, contudo, o mundo e o Brasil foram acometidos pela pandemia do Covid 19. Com a interferência da saúde pública, as repartições, os órgãos e as instituições financeiras educacionais tiveram que adaptar seus horários de atendimentos e funcionamentos. A Secretaria do Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (CEECT) apresentou “estratégias” de implantação do Regime Especial de Ensino, a ser adotado nas escolas do Estado da Paraíba. Desta forma foi estabelecida, na Portaria 418/2020, a suspensão das aulas presenciais e foram propostas as aulas remotas<sup>13</sup>.

Com o regimento implementado devido à pandemia do Covid 19, as aulas ficaram sendo ministradas de forma remota. Vale salientar que as aulas remotas são diferentes das aulas *online*. Aulas *online* se aplicam a cursos pensados para serem ministrados à distância, podendo não realizar as atividades práticas. Seu calendário é regido pela instituição de ensino e pelo Ministério da Educação (MEC). As aulas são gravadas e a interação das/os estudantes com as/os professores seguem um tutorial para atendimentos para tirar dúvidas. O registro da presença das/os alunas/os é computado de acordo com sua entrada na plataforma do *Google Meet*, utilizada como ferramenta de ensino, na hora marcada pela/o professora/o e pela escola. As atividades escolares são adicionadas, semanalmente, no mural da sala do *Google Classroom*, com o prazo de validação dado pelo/a professora/o.

---

13 GOVERNO DO ESTADO. Somos todos Paraíba. Secretaria de Educação anuncia Regime Especial de ensino para rede Estadual durante a Pandemia. Em 20/04/2020, 20h:16. Disponível em <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao-e-da-ciencia-e-tecnologia/noticias/secretaria-de-educacao-anuncia-regime-especial-de-ensino-da-rede-estadual-durante-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em 15/01/2022.

O ensino remoto<sup>14</sup> acontecia com aulas ministradas pelas/os professoras/es em suas residências e assistidas pelas/os alunas/os em suas casas de forma que tivesse entre elas/es um espaço de distanciamento que evitasse contato direto. Então, as escolas orientaram o corpo docente a elaborar planos de aulas com ferramentas de ensino que possibilitassem o ensino e a aprendizagem das/os alunas/os, assim como que a reciprocidade fosse além do mecanismo da interação artificial e reproduzisse a sociabilidade do presencial.

O corpo discente não teve muita dificuldade para mexer nas tecnologias e nos aplicativos sugeridos pelas/os professoras/es, porque a tecnologia é algo do seu tempo, do seu meio. No entanto, a dificuldade estava presente quando se trata de não ter aparelhos tecnológicos suficientes para a família “[...] através do *Google Meet*. Mas, eu também usava o computador da minha irmã quando ela não estava usando para assistir as aulas delas [...]” (TEMGS, entrevista cedida em outubro 2022). O corpo docente apresentou alguns entraves para o desenvolvimento das aulas à distância<sup>15</sup>. Para tanto, foram experimentados diversos aplicativos que foram usados como ferramenta de trabalho: *Google* sala de aula, e-mail institucional, grupos de WhatsApp, *Meet*, *podcast*, Tik Tok, canais, Instagram, Facebook. Desta forma as pesquisas no *google* e no *youtube* aumentaram. Vejamos:

As plataformas digitais, assumindo a estrutura de rede social ou de media social, potencializam “ambientes tecnológicos emergentes em que os padrões de conexão são diferentes” [...] quando comparados com as mídias tradicionais. Tal acontece porque, como afirma Castells (2003), a internet é um espaço onde convivem o público e o privado, o global e o local. Efetivamente, o cenário digital “potência uma geografia sócio tecnológica de redes e nós interligados por fluxos de informação [...]” (AMARAL; SANTOS, 2019.p. 74).

A exigência para a efetivação desta modalidade remota é que os envolvidos tenham no mínimo internet e um aparelho de celular ou notebook conectado para participar das aulas, o que não aconteceu com a maioria das/os alunas/os desta escola. Algumas exigências das aulas remotas são: que as/os alunas/os enviassem as atividades pela plataforma da instituição de ensino e que os aparelhos tivessem câmera e áudio para permitirem às/aos alunas/os ficarem ao vivo e manterem a comunicação. Parecem metas simples para se cumprir, mas só parecem simples quando não se tem uma visão social e financeira das camadas populares brasileiras.

As famílias brasileiras possuem uma característica diversa de formação. Na sua constituição pode ser composta por “pai, mãe e filhas/os”, “mãe e filhas/os”, “pai e filhas/os”, pais e filhas/os, mães e filhas/os, “avós e netas/os”, “órfãs/os”. E cada uma dessa formação familiar apresenta encargos financeiros diferentes. Para suprir a manutenção desta variante de gastos pessoais se depende de uma renda fixa. Esta renda fixa vai requerer um trabalho formal. No Estado da Paraíba os trabalhadores seguem o mesmo regimento de renda da CLT<sup>16</sup>. A Paraíba possui a maior renda per capita do Produto Interno Bruto (PIB) nacional (ALVES, 2016). Mesmo assim, o percentual de famílias que vivem com programas do Governo é alarmante. Esta leitura social e econômica justifica o fato de que famílias com filhos em idade escolar não possuem condições financeiras para ter acesso à internet e/ou aparelhos tecnológicos.

---

14 Ensino remoto é composto por aulas, atividades ministradas à longa distância em tempo real. Possui o mesmo formato educacional do presencial, sendo que é praticado no ciberespaço.

15 Estes entraves estavam relacionados à atualização de conhecimentos sobre informática, novas ferramentas de ensino e à falta de interação pessoal, de aparelhos de informática, internet e a sobrecarga de trabalho. Podendo gerar stress, falta de estímulo para estudar, evasão escolar e baixo rendimento escolar.

16 A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) regulamenta as relações de trabalho entre trabalhador e patrão na zona urbana, assim como as relações de trabalho na zona rural.

A falta de aparelhos tecnológicos e internet inicialmente estavam mais direcionadas às/aos alunas/os que residiam na zona rural. Isto ocorria pela falta de sinal de empresas que não cobriam determinados pontos da cidade. No entanto se percebeu que o problema também estava presente com alunas/os dos centros urbanos. Isto porque Campina Grande é uma das cidades da Paraíba registradas como tendo uma das maiores densidades demográficas na área urbana. Além disso, o centro de Campina Grande é onde fica localizado o comércio central de lojistas acarretando, assim, um alto consumo de internet pelo cartão de crédito e vendas *online* no interior da loja, podendo gerar diminuição na entrega de *megabytes*.

Assim, ficou visível a necessidade de estratégias do corpo docente para que as/os alunos que não tinham acesso à internet e/ou a ferramentas digitais não evadissem da escola durante o ensino remoto. Então, o corpo funcional da secretaria da escola em conjunto com as/os professoras/es elaboravam atividades impressas para as/os alunas/os pegarem na escola. Esta medida serviu para evitar a expansão da evasão escolar. As/os alunas/os que optassem por este formato teriam que ir buscar as atividades impressas na instituição educacional e voltar para devolvê-las no dia e horário determinado pela escola. Nesta situação a/o aluna/o não poderia assistir às aulas remotas e ficava a critério da/o discente o entendimento das temáticas. Mesmo com as atividades impressas, isto acarretava encargos financeiros, porque as/os discentes tinham que ter a responsabilidade de dispor de algum tipo de transporte para a locomoção, para ir pegar e voltar para deixar as atividades pontualmente, como apresentado pela narrativa do aluno seguir;

Indo a pé dá uns 30 minutos, de 20 a 30 minutos [...]. Se eu fosse de ônibus numa hora que era para eu chegar de sete horas eu tinha que me levantar umas 5:40 por aí. Para poder dar tempo de me arrumar, tomar meu café e pegar o ônibus de 6:40 horas, tendo em vista que é o horário que ele passa pela manhã [...]. Eu consultaria o celular, o *google maps* que tem como eu saber o horário do ônibus bem certo [...]  
(LIFA, entrevista cedida em outubro de 2022).

Este deslocamento foi inviável para alunas/os<sup>17</sup> que não residiam nas imediações da escola onde estavam matriculadas/os. Dependendo de seu logradouro as/os estudantes pesquisadas/os teriam que pagar de duas a quatro passagens para chegar à escola. Esta passagem de ônibus variava quanto à quantidade de filhos que cada família tinha matriculado. E mesmo assim, devido à pandemia do Covid 19, a circulação de ônibus foi reduzida temporariamente a zero, em dias datados pela tática do governo do Estado ou da Prefeitura Municipal. E depois retomaram as atividades com 30% trinta por cento da frota.

Para as aulas remotas acontecerem era necessária uma unanimidade por parte das/os que integram o corpo funcional da escola. Estes desafios eram enfrentados de diferentes maneiras, dependendo da responsabilidade de cada funcionária/o que estivesse à disposição do trabalho educacional.

Outra dificuldade apresentada no ensino remoto foi a criação do e-mail institucional: muitas/os alunas/os entravam na aula com e-mail particular. O uso do e-mail particular dificultava a/o professora/o de identificar a/o discente, isto porque as/os alunas/os não colocavam fotos pessoais. As imagens das fotos dos e-mails pessoais geralmente estavam direcionadas ao mundo jovem, como: cores, animes, caricaturas pessoais, paisagens florais, biografias entre outros.

Também foi exigida a assiduidade nas aulas remotas, de forma que as/os alunas/os ficassem do início da aula, até o término. A permanência das/os alunas/os nas aulas remotas

---

<sup>17</sup> As/Os alunas/os que se deslocavam até a escola em período pandêmico da covid 19 na escola ECI Itan Pereira eram alunas/os que participavam de projetos ou desenvolviam atividades em conjunto com professoras/es na instituição escolar, tipo: monitoria e libras.

implicava na adequação da rotina familiar às atividades escolares. Por exemplo, a casa tinha que estar organizada, parentes tinham que ficar quietos, os vizinhos tinham que não fazer barulho, a rua tinha que estar com o trânsito livre, ou tinha que ter um quarto particular para estudos. Ainda havia a possibilidade das/os alunas/os saírem antes da aula para que as irmãs/os entrassem na aula dela/e, pela partilha do mesmo aparelho.

As aulas de Sociologia eram ofertadas uma vez por semana para cada turma, com duração de cinquenta minutos. E os problemas com a internet afetaram tanto as/os professoras/es como as/os discentes: ocorria queda de internet, fazendo com que as/os professoras/os e alunas/os saíssem da plataforma de ensino. A oscilação de internet tinha causas diversas: o excesso de gente usando a mesma plataforma, o pacote de gigas ofertado pelas empresas de telecomunicações/ dados móveis, a qualidade da banda larga utilizada, falta de sinal da internet (fibra ótica, transmissão a rádio), queda de energia elétrica, falta de pagamento, alunas/os que compartilhavam internet com vizinho e/ou roteavam dados moveis pelo celular de outro.

Outra situação intrigante foi a mudança na forma de avaliação. Na forma presencial as avaliações eram provas escritas, trabalhos em grupos (escritos ou seminários), debates e discussões/ avaliação contínua. Estas atividades eram realizadas de forma que cada aluna/o tinha sua participação avaliativa de acordo com suas limitações de aprendizado. No ensino remoto as avaliações ficaram mais extensas na escrita e na dependência do aplicativo do *Word*; a avaliação continua dependia da participação ao vivo, levantando o ícone da mão para acenar e em seguida ligar o microfone e fazer leituras em PDF. De acordo com a narrativa do professor de Sociologia;

Tenho dado, em média, 3 dias para as atividades. As provas acontecem em forma de simulado, que ocorre em três dias consecutivos, por área de conhecimento. Cada dia tem um prazo, um prazo de 4 horas para resolução das questões. Grandes partes dos discentes consegue cumprir o prazo (RLM, entrevista cedida em agosto 2022).

Para tanto, as avaliações continuam como: debate durante a aula, realização dos exercícios, intervenção da temática explanada, presença e permanência nas aulas. Estas tiveram uma participação valorativa de maior peso que as transcritas, para estas/es alunas/os. As atividades pesquisadas e transcritas no caderno (precisavam ser digitalizadas) ou em documento *Word*, ambas deveriam ser anexadas no mural aplicativo *classroom*. A semana de prova era organizada em formato de simulado. O simulado foi escolhido como forma avaliativa por causa das questões de múltipla escolha, que requeriam interpretação para a validação da resposta correta. Preparando as/os alunas/os para a participação em concursos públicos, o ENEM e os processos seletivos que futuramente se habilitassem a participar.

## **5 A INVISIBILIDADE DA EDUCAÇÃO PARA AS/OS ALUNAS/OS NEGRAS/OS E PARDAS/OS PRESENTE NAS ESTATÍSTICAS**

O racismo institucional pode apontar normas e padrões de orientações para o indivíduo, ou seja, fórmulas prontas de aceitação social. Assim, seu comportamento é previamente estabelecido no círculo social que ele quer ser inserido. Desta forma, o racismo institucional engessa o indivíduo tornando-se um sintoma de uma sociedade massificada (ALMEIDA, 2018). A população preta no Brasil teve um aumento percentual de 7,4 para 8,2, enquanto a parda teve um aumento de 45,3 para 46,7<sup>18</sup>. Este aumento de números ocorreu devido a pessoas se declararem quanto à sua raça no ano de 2019 (SARAIVA, 2019). Na

---

<sup>18</sup> Estes dados apresentados são de vinte e um de marco de 2019, com base no IBGE, através do site PORTALT5.

Região Nordeste a proporção subiu de 9,2 para 11,3 (BARBOSA, 2019), enquanto que na Paraíba a população é de 50% (Cinquenta por cento) incluindo pretos e pardos<sup>19</sup> (PORTALT5, 2019). O mais interessante é que, apesar dos números que demonstram o aumento da população parda e negra no Brasil, através da declaração, ainda existem as desigualdades na permanência dos discentes na escola.

No ano de 2021 o Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (INEP) percebeu a diferença de idade nas turmas do ensino básico, como também acentuação no atraso e a evasão, que vem aumentando dia após dia. O INEP identificou que pessoas negras e pobres abandonam a escola com maior frequência que pessoas brancas. A demonstração do censo de matrículas de pessoas negras é de um percentual de 4,2 por cento, ou seja, um número inferior ao registrado no ensino infantil e fundamental. O INEP ainda ressalta que as matrículas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) são 80,4 por cento feitas por negros e pardos<sup>20</sup>. Estes números são uma variante agravante perante a pandemia do Covid 19.

Os dados mencionados acima não condizem com o texto da Lei 122888/10. Esta homologa a igualdade racial, ditando o gozo de direitos sociais que pessoas pertencentes a grupos raciais devem ter. Desta forma é de suma importância a autodeclaração das pessoas para o conhecimento da prerrogativa sobre a formação étnica no Brasil, isto porque o Brasil possui uma composição mestiça na qual os não brancos deveriam ser a maioria. Este não reconhecimento da população preta e parda implica na criação de políticas públicas e ações afirmativas como instrumentos de prática necessária para estabelecer a inclusão de direitos à população preta e parda (INSTITUTO DE IDENTIDADE DO BRASIL, 2010).

Em campo, entrevistamos a professora de Sociologia MSSC, da Escola ECI Professor Itan Pereira. Indagamos sobre o quantitativo de alunas/os negras/os em sala de aula/escola. Em resposta, a professora afirmou que a escola comporta “30%” dos alunos matriculados, sendo que o total de matriculados é de onze alunas/os negras/os. Quanto ao professor de Sociologia RLM, este afirmou que “Não tenho conhecimento”. Vale salientar que os dois professores são brancos, observação da aula remota. E em observação na escola no período manhã (semipresencial), realizada durante o ensino híbrido foi observado apenas três professores étnico/racial negros, um que ensina a disciplina de Inglês, um da disciplina de Matemática e o outro, Geografia, assim como o gestor da escola. A escola possui, o quantitativo de professores em sala de aula, um total de nove professores, sendo que existe a possibilidade de professores ensinarem outras disciplinas por possuírem mais de uma graduação ou ficarem responsáveis por eletivas.

Com a coleta de dados nas fichas de matrículas sobre a etnia/raça<sup>21</sup> das/os alunas/os obtivemos o quantitativo de jovens negras/os em sala de aula no ensino médio. A coleta de dados foi realizada com separação de sexo entre masculino e feminino, conforme descrição dos formulários. Desta forma foi pautada a raça/etnia que foi declarada pelas/os alunas/os no ato da matrícula no ensino médio. A menção da raça/etnia dos alunos que frequentam o Ensino Médio na Escola Estadual ECI Professor Itan Pereira foi descrita em ordem

19 A nomenclatura para o povo brasileiro utilizada pelo o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE) é constituída por pessoas brancas, pretas, pardas e amarelas (IBGE, 2021), sendo que as pessoas pardas referenciam a pessoas morenas, cinzentas ou mulatas, ou seja, classificadas pela mistura de raças denominando-as de população mestiça (WESCHENFELDER, et al, 2018).

20 G1, PARAÍBA. Paraíba registra redução no número de matriculados na educação básica, segundo o INEP. Paraíba, 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/08/09/paraiba-registra-reducao-no-numero-de-matriculados-na-educacao-basica-segundo-o-inep.ghtml>. Acesso em 06/11/2021.

21 Descrição referente às fichas de matrícula.

decrecente, assim como dos declarados e não declarados, para melhor compreensão das estatísticas avaliativas da pesquisa:

**Quadro 1** - Fichas de matrículas de alunas/os do ensino médio da escola ECI Professor Itan Pereira, 2021

Raça/Etnia	Feminino	Masculino
Parda	42 Jovens	39 Jovens
Branca	9 Jovens	12 Jovens
Preta	6 Jovens	5 Jovens
Amarela	1 Jovem	1 Jovem

**Fonte:** Arquivo da E. ECI Cidadã Professor Itan Pereira, 2022<sup>22</sup>.

A percepção de alunas/os negros matriculados na escola ECI Itan Pereira só vão ser notada nos mecanismos de biopolítica de raça, mantendo o padrão de indivíduos não brancos fora da escola. Percebemos isto quando somamos o número de alunas/os matriculadas/os no ano de 2021 e subtraímos o percentual de alunas/os negros em sala de aula. Assim, o total de/as alunas/os matriculados no ensino médio na escola objeto de estudo em 2021 é de duzentos e um (201) estudantes, sendo onze alunas/os negras/os e oitenta e um (81) estudantes pardas/os. Para tanto, a diferença das/os alunas/os negras/os pardas/os matriculados em linha linear é de noventa e dois (92) estudantes no ensino médio. Subtraído o número das/os alunas/os negras/os, pardas/os, que compreende noventa e dois de duzentos e um discente matriculados, percebemos um número crescente nas estatísticas do ensino médio em termos de matrícula/entrada.

**Quadro 2** - Fichas de matrículas de alunas/os do ensino médio da escola ECI Professor Itan Pereira, 2021 (2)

Não Declarados	Raça/Etnia não assinalados na ficha de matrícula.
Feminino	35 Jovens
Masculino	51 Jovens

**Fonte:** Levantamento realizado pela pesquisadora nas fichas das/os alunas/os em 2022.

Estes não declarados somam um total de oitenta e seis indivíduos, foram observados pela foto 3x4 no arquivo pessoal das/os alunas/os que não são negras/os. Observamos que um dos fatores que contribuem para o aumento dos dados estatísticos dos não declarados se deve ao fato de não se fazer a pergunta<sup>23</sup> de “Qual raça/etnia se denomina/identifica?” no ato da matrícula. Esta autoidentificação é de suma importância para constar nas estatísticas, assim como o demonstrativo da ocupação da escola pelos grupos vulnerabilizados (NIEMAYER, 2002). A autoidentificação estimula o crescimento do reconhecimento da etnia do povo brasileiro.

Estes dados de pessoas negras/os presentes no recinto escolar representam o resultado de lutas e resistências de gerações passadas. Este espaço temporal polarizado legitimou o eixo da apropriação do espaço social para a comunidade negra. Aqui temos o problema público e o

22 Quantitativo de alunas/os matriculados em 2022. Vale salientar que as/os alunas/os do primeiro e segundo anos permanecem na escola para o término do ensino médio. Os do terceiro ano concluíram com êxito e alguns prestaram Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

23 A resposta consciente da identidade teria que o indivíduo ter um conhecimento base sobre a formação Estado/nação (Raízes) para assim se auto reconhecer.

privado. O problema público está ligado a direitos sociais dos indivíduos negros/as como a educação. Estas problemáticas sociais estão separadas pela jurisdição da sua composição regada, mas, um não funciona sem o outro, estão interligados de forma funcional. Vejamos:

[...] as paredes de um apartamento, as fachadas dos prédios- o ato de controlar o seu interior é semelhante ao de controlar as trajetórias no espaço urbano [...]. O público e o privado não são remetidos um de costas para o outro, como dois elementos exógenos, embora coexistentes; são muito mais, são sempre interdependentes um do outro, porque no bairro um não tem nenhuma significação sem o outro (CERTEAU, 1996.p. 43).

Embora o público (escola) e o privado (casa) pareçam ser diferentes e estarem sempre em conflito um com o outro, na questão que a casa oferta a educação informal e o público, a educação formal, eles estão interligados na função social. Porque a formação informal serve para iniciar o desenvolvimento do indivíduo e a formação do público continua o desenvolvimento para a vida. No entanto, neste período de pandemia da Covid 19 estes espaços se tornaram um. Para um existir, o outro tinha que colaborar. E, neste caso, o modo de vida da/o aluna/o negra/o de periferia faz com que ela/e passe ser um elemento exógeno. Isto porque o elemento exógeno (modo de vida) que é identificado como aquele que vem de fora (fora do padrão normativo) entra em contraste com o sistema já estabelecido (sistema capitalista).

Desta forma, a instituição escolar usa a distinção- chave (CERTEAU, 1996.p. 45) do conceito de tática para legitimar o lugar do outro, deixando, em contrapartida, o indivíduo, que é o eixo rotativo social, através de suas vivências que rege o orgânico. Assim, a presença do indivíduo negro na escola termina sendo uma ação de ocupação de um direito instituído legalmente e não uma inserção de uma cidadã/o brasileira/o na sociedade. Uma/um cidadã/o brasileira/o independe do estereotipo físico e etnocultural, a cidadania refere-se a duas faces de um problema político:

Mas há duas questões que pesam nesta pesquisa. Dizem respeito, aliás às duas faces de um mesmo problema político. De uma parte, esta “arte”, em nome do que a declaramos *diferente*? De outra, de onde (de que outro lugar) efetuamos sua análise? Ao invés de recorrer aos mesmos procedimentos dessa arte, talvez possamos rever tanto a sua definição como “popular” como também a nossa posição de observadores (CERTEAU, 1994.p.86).

As duas faces de um problema político sobre a cidadania é a nacionalidade primária/originária e a nacionalidade secundária/derivada. A nacionalidade primária/originária refere-se ao indivíduo que nasceu em território brasileiro. A nacionalidade secundária/derivada é quando o Estado concede tal nacionalidade e o indivíduo aceita. Por este viés normativo contemporâneo percebe-se que não deveriam existir relações sociais conflituosas e competitivas relacionadas à comunidade negra.

É necessário compreender que estes conflitos sociais existem porque o Brasil é revestido por uma história contada por brancos. Quando a História é vista de forma monocular, ela assume o papel de “[...] ver, estudar e interpretar o negro não como um ser socialmente situado numa determinada estrutura, isto é, como escravo ou ex-escravo [...] componente de uma cultura diferente do *éthos* nacional” (MOURA, 2019.p. 43). A comunidade negra no Brasil é o agente social resiliente contra o aparelho do Estado, este mecanismo de resistência pela apropriação da nacionalidade brasileira e pelo reconhecimento da diversidade cultural e direitos sociais.

## **6 RACISMO INSTITUCIONAL E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS DAS/OS ALUNAS/OS NEGRAS/OS E PARDAS/OS NO ENSINO REMOTO**

A Escola Estadual ECI Professor Itan Pereira está localizada na Rua Luís Mota, S/N, bairro de Bodocongó, Campina Grande-PB. A Escola recebeu vários reconhecimentos pelo trabalho desempenhado na educação básica. Os troféus e diplomas dos trabalhos desenvolvidos pelos docentes e discentes estão expostos nas paredes da secretaria da escola e na sala do gestor da escola. A premiação foi ofertada pelo Governo do Estado por meio da Secretaria do Estado da Educação. A descrição dos títulos dos trabalhos apresentados pela escola segue abaixo relacionada, com o ano do desempenho.

**Quadro 3 - Premiação da Escola**

Ano	Trabalho	Ano	Trabalho
2012	Desenvolvimento de práticas pedagógicas.	2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018	Enfrentamento dos desafios do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes
2013	Diploma de Escola Destaque	2020	Diploma de Escola Destaque
2014	Olimpíada da Língua Portuguesa. Modalidade: Crônica.	2016	Olimpíada da Língua Portuguesa. Modalidade: Memórias Literárias.
2015 Julho	Como reduzir a evasão escolar na Paraíba?	2015 Dezembro	Como melhorar o aprendizado da Língua Portuguesa e/ou da Matemática no Estado da Paraíba?

A Premiação da escola em período de pandemia da Covid 19 ocorreu em 2020, com o Diploma de escola destaque. Este diploma se refere a taxa zero de desistência das/os alunas/os na escola ECI Professor Itan Pereira.

**Fonte:** Pesquisa realizada nos arquivos da escola, 2022.

De acordo com a descrição dos trabalhos desenvolvidos pela escola no quadro acima percebemos que a escola foi reconhecida como “Escola Destaque” e, no mesmo ano de 2020, a escola recebeu a construção do ginásio com vestiário<sup>24</sup>. O Ginásio é um espaço para a realização dos eventos das datas comemorativas, festivas e acolhimento das/os alunas/os, assim como para a realização das refeições diárias. A acomodação é feita com carteiras no diâmetro do ginásio em prol do coletivo.

De acordo com a coletânea de premiação da escola, percebemos que o trabalhar a formação da/o aluna/o nas áreas de Português e Matemática é acentuada. Demonstrando a falta da promoção de eventos na área de ciências humanas e sociais. Na tentativa de responder esta ausência de engajamento educacional, lançamos a seguinte pergunta: Quais eventos que contribuem com a cultura afrodescendente que a escola organiza? A resposta da professora de

<sup>24</sup> Informações descritas na placa de inauguração, pregada na parede da secretaria da escola.

Sociologia foi a seguinte: “Todos os anos, no mês de novembro, fazemos um evento dentro da programação da Consciência Negra. É um concurso para as meninas e meninos e tem como finalidade exaltar os mais belos cachos. Temos também um grupo de dança” (MSSC, entrevista concedida em 2022). Quanto ao professor de Sociologia, ele respondeu: “No primeiro semestre ministrei uma disciplina eletiva que tematizou a relação entre diáspora afro e música. Além disso, lembro que ocorreu um evento que trouxe a vereadora Jô Oliveira, a primeira mulher negra da história de Campina a ocupar no legislativo municipal, para falar sobre a participação da mulher negra na política” (RLM, entrevista concedida em 2022).

Os eventos trabalhados no interior da escola pelos professores/as de Sociologia são pertinentes quanto à autoafirmação da identidade negra, assim como a atuação da/o negra/o na área política. Eles fugiram do conservadorismo do livro didático, das datas comemorativas como 13 de maio de 1888, e do contexto do culturalismo impregnado na sociedade brasileira. O evento “Mais belos cachos” motiva as/os alunas/os a manterem seus cabelos naturais, incentivando o reconhecimento dos demais à beleza identitária afrodescendente. Esta participação em grupo legitima a interação diversa de nosso país e o reconhecimento do outro sem o estranhamento da aculturação. Promovendo o descobrimento do “eu” e o respeito ao próximo. Como apresentado na narrativa do aluno LFA, a seguir:

Porque na minha época eu não tinha uma aceitação do meu cabelo crespo, nem ele era desse tamanho porque eu o cortava na dois, ou seja, nem tinha cachos e eu não tinha uma questão da aceitação do meu cabelo. E eu agora exatamente parando para pensar o nome do evento deveria ser “cacheado, cacheada e crespo”, porque por exemplo o meu cabelo não se enquadra em cabelo cacheado. Ele pode ter algumas coisas enroladas, mas, ele não se encaixa como cabelo cacheado, ele se encaixa como cabelo crespo [...]” (LFA, entrevista concedida em outubro de 2022).

A autoafirmação do uso natural do cabelo afro foi percebida pelas/os alunas/os como algo inovador, não apenas no reconhecimento estético capilar, como também provocou as/os alunas/os a questionarem sobre o próprio evento na escola. O questionamento procedeu sobre a visão do aluno LFA<sup>25</sup>. Este aluno se indagou porque que ao evento não poderia ser agregado os cabelos crespos, uma vez que, para o aluno, abrangeria um número maior de pessoas com cabelos afrodescendentes e que não possuem cachos definidos.

Trazer a escola para os cômodos de casa causou um conflito entre o público e o privado, não apenas na questão de conceitos tradicionais e conhecimentos, como também na parte econômica da família. Ao material escolar que se baseava em caderno e lápis, acrescentaram-se aparelhos tecnológicos e internet. Antes, a presença das/os alunas/os era computada somente pelo fato de estar presente fisicamente, depois das aulas remotas a presença exigia estabilidade na conexão de internet, o aluno estando presente ou não<sup>26</sup>. As/os alunas/os negras/os e pardas/os que se mantiveram na escola, resistiram através da execução das tarefas impressas.

As/Os alunas/os na maioria não possuíam aparelhos tecnológicos à sua disposição, assim, a frequência das/os estudantes seria pequena na aula remota. Cada turma tinha uma média de vinte a trinta alunas/os matriculados “Na minha turma de vinte, eu era líder de

---

25 Estudante do terceiro ano do ensino médio, monitor e interpretes de libras na escola.

26 Os aplicativos utilizados como ferramentas de ensino tinham a opção de desligar a câmera, ficando apenas a foto do indivíduo na tela (observação direta).

turma, eu sei que alguns não entrava na aula” (LFA, entrevista cedida em outubro de 2022). Com esse problema o professor de Sociologia RLM juntou as turmas para que, assim, pudesse ter uma aula produtiva. Desta forma as aulas de Sociologia remota uniam em torno de vinte e seis a trinta e sete alunas/os, dependendo do número de turmas idênticas e das/os alunas/os com aparelhos tecnológicos e internet.

Diversas alunas/os tinham somente o aparelho celular para assistir as aulas. LFA diz ter aparelho de celular, computador e internet, estes itens para compartilhar com seu irmão que estuda na mesma instituição. TEMGS afirmou que tem o aparelho celular e um computador em casa, porém, a prioridade de utilizar o computador era da irmã que estudava *Design* na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O problema do compartilhamento de aparelhos tecnológicos era porque as aulas aconteciam no mesmo horário, assim as/os jovens estudantes tinham que optar por quem teria maior necessidade do uso do aparelho.

Em 2020 o Estado da Paraíba recebeu a premiação de melhor educação remota. Esta indicação à premiação ocorreu pelo projeto de ensino em Educação a Distância (EAD), pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). O site do Governo da Paraíba descreve que a premiação ocorreu por meio da competitividade da gestão governamental atual para gerenciar a educação em tempos de pandemia. O interessante é que o Governo do Estado não ofertou ajuda de custos nem financiou aparelhos tecnológicos ou internet para as/os alunas/os que estavam no ensino médio.

Houve uma oferta do governo do Estado ofertou à rede pública um chip com internet no final do ano de 2021, o qual não foi utilizado para auxiliar as/os alunas em aula porque a pandemia do Covid 19 estava em momento de baixa proliferação do vírus e, com isso, as escolas iniciaram o ensino híbrido em 2022. Para tanto, o prêmio de melhor educação remota para a Paraíba visa a tática do Estado para promover a educação para o “todo”. Não relata as estatísticas de quantos se mantiverem na escola, o número de desistência e tão pouco as particularidades dos indivíduos, formas e práticas que estes estudantes tiveram que reinventar para continuarem na escola: estratégias tecidas no dia a dia de cada família para se ajudarem a existir.

## 7 METODOLOGIA

Este trabalho busca investigar os percursos de resistências de alunas/os negras/negros do ensino médio da Escola Estadual ECI Professor ITAN PEREIRA (Campina Grande- PB) em tempos de pandemia do Covid 19. Este trabalho foi realizado no período de 2020-2021. Para a realização do trabalho fizemos uso da metodologia qualitativa, pesquisa de campo, revisão bibliográfica e da observação direta, da entrevista pela plataforma *Google forms* e do levantamento em documentos escolares (fichas de matrículas) das/os alunas/os do ensino médio da instituição de ensino escolhida para estudo. Para embasamento teórico, o estudo se pautou pelos conceitos de estratégias e táticas em Michel de Certeau (1994) para analisarmos as estratégias sutis do racismo institucional que segregam os corpos estudantis negros, assim como as táticas das/os alunas/os que resistem de diferentes maneiras aos marcadores de desigualdade e às estratégias institucionais que separam de forma desigual os corpos discentes dissidentes. Pautamo-nos ainda no conceito de racismo institucional à luz do filósofo Sílvio Almeida (2018), que compreende este conceito como oriundo da falta de simetria econômica e das prerrogativas internas das instituições.

A observação direta ocorreu durante o estágio supervisionado III, de 2020 até novembro de 2022. Os dados das fichas de matrícula e entrevistas foram coletados em campo, a coleta ocorreu entre junho e novembro de 2022. Com o parecer consubstanciado do CEP 5.414.511. Foi feita a análise dos dados, os quais foram obtidos por meio de métodos como:

pesquisa documental, fontes orais, com a aplicação de entrevistas pela Plataforma *Google forms*. Assim, foi possível investigar os marcadores de exclusão escolar de alunas/os negras/os para verificarmos como as alunas/as negras/os veem o seu lugar na escola, abordando as práticas de resistências das/os alunos/as negros/as no cotidiano escolar.

Através da metodologia qualitativa pudemos deduzir as particularidades dos indivíduos da pesquisa, assim como a participação destes nas ações no cotidiano da instituição e nas relações sociais para com a população habitual da educação pública. As entrevistas foram realizadas através de perguntas semi estruturadas para professores/as, alunas e alunos do ensino médio.

O roteiro de perguntas foi composto por 21 (vinte e uma) perguntas direcionadas a discentes e 13 (treze) questões direcionadas a funcionários, questões dissertativas.

#### Quadro 4 – Roteiro de perguntas

PROFISSÃO	PARTICIPANTES	RAÇA/ETNI A	GÊNERO	FAIXA ETÁRIA
Gestor da escola	1 (Um),	Não respondeu	Não respondeu	De 25 a 50 anos
Professoras/es	2 (Dois)	Dois Brancos	Um feminino Um masculino	De 25 a 50 anos
Secretarias/os	3 (Três)	Três Brancos	Dois não responderam Um feminino	De 25 a 50 anos
Estudantes	2 (Dois)	Um Preto Uma Parda	Um feminino Um masculino	De 17 a 21 anos

Fonte: Realizado pela autora (2022).

As entrevistas com as/os professoras/ e as/os estudantes foram registradas e foi assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As entrevistas com as/os professoras/es foram realizadas por meio do *link* enviado da pesquisa através de mensagem enviada pelo e-mail da pesquisadora para o *WhatsApp* do participante. A faixa etária dos trabalhadores da educação varia entre vinte e cinco e cinquenta anos. As entrevistas com as/os secretárias/os e gestor da escola não foram registrados por exigência dos participantes. Nas entrevistas não registradas os participantes puderam relatar o seu modo de vida pessoal e profissional na escola, as suas dificuldades e sua experiência com o ensino remoto.

Durante a pesquisa de campo observamos que, na instituição educacional na qual a pesquisa foi elaborada, havia uma rigidez no cumprimento das normas internas. Como, por exemplo, ir à escola somente quando o diretor estivesse presente, não fazer registro de fotos da escola para a publicação sem autorização prévia e por escrito. Não entrevistar os alunos menores de idade sem autorização dos pais, não fornecer contato ou endereço dos pais das/os alunas/os.

Com isso, fiquei à espera do diretor da unidade educacional das oito horas até as nove e meia esperando, na calçada, porque o vigilante tinha ordens de não deixar ninguém estranho adentrar à escola. Ao ser recebida pelo diretor da escola fui indagada sobre minha pesquisa, metodologia e orientadora, fui questionada sobre a escolha da escola, se eu tinha presenciado casos de racismo na instituição. Respondi que não presenciei, mas, que como estava fazendo a parte do meu estágio III na escola ECI Professor Itan Pereira resolvi tê-lo como objeto de pesquisa pois ali já estava a par dos prós e contras do ensino remoto. E essas situações que dificultavam a contribuição da/o aluna/o, uma vez que a maioria dependia de um aparelho

celular, que impossibilitava longas digitações, ou comportar arquivos e documentos (Tanto para abrir no aparelho celular como para anexar no mural) e a leitura em PDF pelo celular tornava-se desconfortável e improdutiva.

## 8 RESULTADO

Para efeitos de pesquisa, a participação das/os alunas/os durante o ensino remoto na Escola ECI Professor Itan Pereira na parte burocrática acontece formalmente para arquivo de identificação de cada discente. Cada aluna/o possui uma pasta e essas pastas são colocadas em caixas-arquivo separadas por ano e turmas. Desta forma foi observado que a ficha de matrícula contém as seguintes informações: Nome; Nome social; Raça: Branca, Preta, Amarela, Parda; E-mail; Número de identificação social (NIS); Sexo: masculino e feminino; Endereço; Nacionalidade; Número de documentação: Identidade, passaporte, certidão de nascimento; zona urbana ou rural; recebe escolarização em casa, hospital ou domicílio; descrição de deficiência: transtorno global, superdotação, autismo, cegueira entre outros; escolha do turno para estudar: manhã, tarde e noite; termo de compromisso e laudo médico para anexar à ficha de matrícula.

Através do cadastro percebemos duas atualizações que norteiam o acolhimento da/o aluna/o no âmbito social da escola, que são: o nome social e o número do NIS. Esta atualização de dados é um avanço à integração social destes indivíduos, mas, que se não trabalhado pela educação poderão contribuir para a exclusão discriminatória e racista. Isto porque o nome social (gênero) expõe a orientação social do indivíduo e o número do NIS (classe social) que difere os dados de renda da família.

Nesta ótica do cadastro da ficha de matrícula, estes elementos que caracterizam a identidade do indivíduo vão ficar no privado no período das aulas remotas. Exceto o item do NIS, porque a renda de cada família é variante e não acompanhou para a adequação do novo sistema de ensino. Desta forma, alunas/os foram penalizadas/o/os na educação pela economia. LFA<sup>27</sup> diz que preferiu assistir as aulas remotas porque “[...] eu tinha acesso a aparelho eletrônico, a informática, então participava online mesmo”. A preferência de LFA por assistir as aulas remotas era movida pela acessibilidade ao mundo da informática “Eu utilizava o celular e o computador porque não precisava do auxílio de ninguém para fazer o manuseio e nem para fazer as atividades, eu fazia por conta própria mesmo”.

TEMGS<sup>28</sup> também fez a escolha de assistir as aulas remotas porque “[...] eu tenho recursos tecnológicos, eu tenho telefone [...] tenho internet em casa, então, eu tinha essa facilidade de participar das aulas remotas”. Mas, apesar de ter acesso à informática TEMGS admite que sentiu muita dificuldade com o formato da aula “A maior dificuldade é que a gente não estava acostumada com esse tipo de abordagem, então era muito difícil prestar atenção nos assuntos porque você estava distraído com alguma coisa em casa [...] focar na aula”. TEMGS ainda complementa que não viveu o ensino médio e que essa parte da sua vida é uma lacuna que ficou e que prosseguiu apenas para obter o certificado do ensino médio para adentrar na universidade.

LFA, que por ser monitor, procurava alguns alunos para ajudar nas atividades, se deparou com a desistência de MIG, que diz que teve que deixar de participar das aulas remotas e impressas por ter que “[...] ajudar em casa nos trabalhos domésticos [...] pai e mãe saíam para trabalhar e tinha uma criança, uma bebê em casa”. LFA diz que a pandemia agravou a situação financeira da família. E que a mãe de MIG teve que voltar a trabalhar mais

---

<sup>27</sup> Entrevista cedida em outubro de 2022.

<sup>28</sup> Participante do programa de intercâmbio Gira Mundo pela Escola ECI Itan Pereira em 2019 a 2020. Entrevista cedida em outubro de 2022.

cedo e não podia deixar a bebê na casa de amigos e nem de parentes por medo do vírus Covid 19. Isto atrapalhou não apenas o desenvolvimento intelectual como acarretou a desistência escolar de MIG.

Com essa interferência da pandemia da Covid 19 na área educacional das/os jovens, alguns eram perspicazes e viram na que fora divulgado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) que estava proibida a reprovação durante a pandemia da Covid 19. Desta forma LFA diz que tinha alunos que não entravam na aula remota, mas faziam as atividades e postavam na plataforma. Assim como tinha alunas/os que não entravam na aula porque “[...] quando ficou sabendo que não iriam reprovar [...] gente não estudava, gente não ia fazer a prova [...]”. Embora para LFA esta atitude de algumas alunas/os parecesse irresponsável, era uma forma de se manter na escola e de buscar outras alternativas de sobrevivência, esta prática era uma prática de resistência por parte das/os alunas/os.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição das relações sociais de forma culturalista não denota a marginalização da negra/o/, parda/o atualmente. Ou seja, não problematiza a formação da sociedade brasileira mestiça. Desta forma, fica a população negra/o/parda/o a depender de políticas públicas com base em ações afirmativas. A pesquisa sobre racismo institucional nos fez compreender que se trata de uma ramificação do racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Assim, o racismo institucional tem mecanismos de exclusão com base no capitalismo. A efervescência do comércio na produção de produtos tecnológicos aumentou na pandemia do Covid 19, com a procura de aparelhos tecnológicos que comportassem diversos aplicativos em funcionamento, sem travar.

Os aparelhos tecnológicos ganharam uma nova roupagem: uma roupagem de ferramenta de ensino para professoras/es e a roupagem de material escolar para alunas/os. O problema não era a utilidade pública que os aparelhos tecnológicos estavam recebendo, mas o acesso que a população em massa não possui à tecnologia de ponta. Esta falta de acesso ao consumo de materiais tecnológicos tornou-se cada vez mais frequente, conforme a pandemia se estendia, dificultando o aprendizado e a permanência de alunas/os negras/os/pardas/os na escola. Se manter na escola era questão de resistir para permanecer desfrutando do direito à educação e abdicar da subserviência.

Esta subserviência é um lugar que não cabe mais na leitura sobre a população do Brasil. A qual deve ser reescrita com a identidade de uma nação construída por um povo que não era composto por escravos, mas foram escravizados. Desta forma, mostrar o negro como sujeito dinâmico da História é contextualizar que o negro resistiu, desde a sua chegada ao Brasil colônia até os dias atuais. Isto porque a luta é constante por direitos sociais que ampliem a presença da comunidade negra/o e parda/o na educação. Requisitos que não apenas exigem a participação da comunidade negra como também o direito de desfrutar desses mesmos direitos sociais de forma simétrica. Assim, este sujeito resiliente presente na pesquisa sobre racismo institucional não é um simples objeto de estudo, tratam-se de sujeitos que existem e resistem até os dias atuais.

Para tanto a pesquisa contribui para a escola objeto de pesquisa Escola ECI Professor Itan Pereira com orientações sobre como auxiliar a conduzir o ensino remoto. Este auxiliar refere-se a não limitar-se à conduta regimentada da educação governamental, mas ampliar o espaço do laboratório de informática para prestar assistência cibernética a/o aluna/o negra/o e parda/o carente. Assim como ampliar os olhares para o modo de vida de alunas/os que ficaram impedidos de assistir aulas remotas ou de ir pegar as atividades impressas. Olhares assistenciais que independem de ajuda governamental e que fortalecem a função social da educação pública.

## REFÊRENCIAS

ALVES, José Jakson Amâncio. Produto Interno Bruto do Estado da Paraíba. **Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual Produto Interno Bruto do Estado da Paraíba e de seus Municípios 2010-2013**. IDEME. Joao Pessoa, 2016.p. 1-68. Disponível em [file:///C:/Users/55839/Downloads/PRODUTO%20INTERNO%20BRUTO%20DO%20ESTADO%20DA%20PARA%C3%8DBA%20E%20DE%20SEUS%20MUNIC%C3%8DPIOS%202010%20-%202013%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/55839/Downloads/PRODUTO%20INTERNO%20BRUTO%20DO%20ESTADO%20DA%20PARA%C3%8DBA%20E%20DE%20SEUS%20MUNIC%C3%8DPIOS%202010%20-%202013%20(1).pdf). Acesso em 26/10/2022.

AMARAL, Inês, SANTOS, Sofia José. Algoritmos e Redes Sociais: A Propagação de Fake News na Era da Pós Verdade. In: FIGUEIRA João; SANTOS, Silvio (org.) **As Fake news e a nova ordem (DES) Informativa na era da Pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2019. p. 63-80. Disponível em [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/47343/1/As\\_fake\\_news\\_e\\_a\\_nova\\_ordem.pdf?ln=en](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/47343/1/As_fake_news_e_a_nova_ordem.pdf?ln=en). Acesso em 03/09/2021.

AZEVEDO, Gustavo Cravo de. A trajetória de retorno da Sociologia ao Ensino Médio em seis Estados Brasileiros por meio de iniciativa Estaduais. **Anais**. 18 Congresso Brasileiro de Sociologia. Brasília, 2017.p. 1-15. Disponível em <http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-0225-1.pdf>. Acesso em 21/05/2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Pólen. São Paulo, 2018. Disponível em <file:///C:/Users/Philco/Downloads/Racismo%20Estrutural%20by%20Silvio%20Almeida.pdf>. Acesso em 15/04/2021.

BRASIL. INDICADORES IBGE: PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTINUA PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2021. **IBGE**, Brasil 2021.p. 1-44. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact\\_2021\\_1tri.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2021_1tri.pdf). Acesso em 15/03/2021.

BRASIL. **Serviço público federal**. Ministério da Economia - ME Disponível em [http://www.inmetro.gov.br/ensino\\_e\\_pesquisa/cursos-tecnicos/pdf/doc-ficha-requerimento-matricula.pdf](http://www.inmetro.gov.br/ensino_e_pesquisa/cursos-tecnicos/pdf/doc-ficha-requerimento-matricula.pdf). Acesso em 16/04/2021. Acesso em 11/11/2021.

BLOG RETALHOS. FABRICAS EM CAMPINA GRANDE-PB. Tetalhos históricos de Campina Grande. Disponível em [http://cgretalhos.blogspot.com/2009/10/memoria-fotografica-fabrica-de-tecidos.html#.Ygq7Bd\\_MLIU](http://cgretalhos.blogspot.com/2009/10/memoria-fotografica-fabrica-de-tecidos.html#.Ygq7Bd_MLIU). Acesso em 14/02/2022.

BRASIL, **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. Artigo 26, da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691973/artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em 28/07/2021

BARBOSA, Bernardo. Cotidiano: Numero de Brasileiros que se declaram pretos crescem no Brasil, diz IBGE. **Portal do UOL**. São Paulo, 2019. Disponível em

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/05/22/ibge-em-todas-as-regioes-mais-brasileiros-se-declaram-pretos.htm>. Acesso em 06/11/2021.

BRASIL. FICHA DE MATRÍCULA. **Instituto Federal-Rondonia - Ministério da Educação**, 2020. Disponível em <file:///C:/Users/Philco/Downloads/Anexo%20VI%20-%20Ficha%20de%20Matricula.pdf>. Acesso em 16/04/2021.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ficha de pré matrícula técnico definitivo**. UFCE, 2018. Disponível em <file:///C:/Users/Philco/Downloads/Ficha%20de%20Pr%C3%A9-Matr%C3%ADcula%20-%20Curso%20T%C3%A9cnico.pdf>. Acesso em 16/04/2021.

**COSTA, Angelica Araújo**. Processo de urbanização do bairro de Bodocongó na cidade de Campina Grande-PB: **mudanças paisagísticas, novos significados e reflexos sociais**. 2014. Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, Campina Grande, 2014. p. 32.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do Cotidiano: 1- artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.p. 351.

CERTEAU, Michel De et al. **A Invenção do Cotidiano: 2- morar, Cozinhar**. Rio de Janeiro Vozes, 1996.p. 372.

CHAUÍ, Marilena. Espaço, tempo, mundo virtual. **Café filosófico**. CPFL, 2017. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=4Qj\\_M6bnE-Y](https://www.youtube.com/watch?v=4Qj_M6bnE-Y). Acesso em 23/07/2021.

CASTRO, Celso. **A Gênese da sociedade ocidental moderna segundo Elias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 71-78.

COTRIM, Regina Recalde da Fonseca. **Projeto lápis de cor de pele?** Implementação da lei 10.639/2003 no combate ao racismo e resgate da autoestima de estudantes negros em escola da Ceilândia, DF. Brasília- DF, 2014. p. 84. Disponível em [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13039/6/2014\\_ReginaRecaldedaFonsecaCotrim.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13039/6/2014_ReginaRecaldedaFonsecaCotrim.pdf). Acesso em 19/04/2021. Acesso em 10/07/2021.

DICIONÁRIO LUFT. MESTIÇO. **Micro Dicionário Luft**. São Paulo: Editora Ática. 2000.p. 392.

ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL, **Instituto de Identidade do Brasil**. 2010. Disponível em [https://simaigualdaderacial.com.br/site/mergulhe\\_no\\_tema/lorem-ipsum-dolor-sit-amet-teste-de-nova-area/](https://simaigualdaderacial.com.br/site/mergulhe_no_tema/lorem-ipsum-dolor-sit-amet-teste-de-nova-area/). Acesso em 06/11/2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. 51ª ed. São Paulo: Ver.- Global., 2006.p. 573.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Raça, cor, cor da pele e etnia. **Cadernos de Campo**, Nº 20. São Paulo.,p. 265-270. 2011.Disponível em <file:///C:/Users/Philco/Downloads/36801-Texto%20do%20artigo-43339-1-10-20120808.pdf>. Acesso em 18/04/2021.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, R J: Vozes, 2017.p. 13-140.

G1 PARAÍBA. PARAÍBA REGISTRA REDUÇÃO NO NÚMERO DE MATRICULADOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, SEGUNDO O INEP. **G1 PARAÍBA**, 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/08/09/paraiba-registra-reducao-no-numero-de-matriculados-na-educacao-basica-segundo-o-inep.ghtml>. Acesso em 06/11/2021.

HUNGER, Dagmar. ROSSI, Fernanda. NETO, Samuel de Souza. A Teoria de Norbert Elias: Uma análise do ser professor. **Educação e Pesquisa**, v. 37, nº 4, São Paulo.p. 697-708, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/gfRGdFVTv784PHVf5HZ6JFy/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 07/11/2021.

INSTITUTO DE IDENTIDADE DO BRASIL. Estatuto da Igualdade Racial, 2010. Disponível em [https://simaigualdaderacial.com.br/site/mergulhe\\_no\\_tema/lorem-ipsam-dolor-sit-amet-teste-de-nova-area/](https://simaigualdaderacial.com.br/site/mergulhe_no_tema/lorem-ipsam-dolor-sit-amet-teste-de-nova-area/). Acesso em 06/11/2021.

LIMA, Patrícia Lacerda Trindade de. A Importância de Políticas Públicas de Ação Afirmativa para Negros no Brasil. **Plurais**. Salvador, 2010. P. 1-28. Disponível em <file:///C:/Users/WIN10/Downloads/6-Texto%20do%20artigo-5-1-10-20101114.pdf>. Acesso em 06/03/2022.

MUNIZ, Jeronimo Oliveira. Sobre o uso da variável raça-cor em estudos quantitativos. **Sociol. Polít.** v. 18, nº 36, p. 277-287. <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31643/20173>. Acesso em 18/04/2021.

MENDES, Constantino Cronemberger et al. Paraíba nos Contextos Nacional e Regional. **IPEA: A Paraíba no contexto, Nacional, regional e Interno**. Ed. Texto para Discussão 1726. Rio de Janeiro, 2012. p.2-80. Disponível em [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1186/1/TD\\_1726.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1186/1/TD_1726.pdf). Acesso em 28/05/2022. Acesso em 01/03/2022.

MOURA, Clovis. **A sociologia do Negro Brasileiro**. 2. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2019.p. 1- 297.

NIEMAYER, Ana Maria de. O Silenciamento do “negro” na auto-identificação étnica: Um estudo com adolescentes de duas escolas públicas Paulistanas. **RUA**. Campinas, 2002. p.1-30. Disponível em [file:///C:/Users/55839/Downloads/cmrodrigues,+2002.3\\_Artigo2.pdf](file:///C:/Users/55839/Downloads/cmrodrigues,+2002.3_Artigo2.pdf). Acesso em 12/11/2022.

PARAÍBA. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ANUNCIA REGIME ESPECIAL DE ENSINO PARA REDE ESTADUAL DURANTE A PANDEMIA. **Governo do Estado da Paraíba**. Somos todos Paraíba. Em 20/04/2020, 20h:16. Disponível em <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao-e-da-ciencia-e-tecnologia/noticias/secretaria-de-educacao-anuncia-regime-especial-de-ensino-da-rede-estadual-durante-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em 15/01/2022.

PRECONCEITO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: As pequenas diferenças na constituição das subjetividades. Psicologia, Ciência e profissão, 2003. Disponível em <file:///C:/Users/Philco/Downloads/v23n2a02.pdf>. Acesso em 15/04/2021.

PROGRAMA DO ESTADO FOI O MELHOR AVALIADO DO PAÍS, CONQUISTANDO NOTA 6. **G1. PARAÍBA**, 2021. Disponível em

<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/02/18/paraiba-fica-em-1o-lugar-no-brasil-no-indice-de-educacao-a-distancia-segundo-a-fgv.ghtml>. Acesso em 03/04/2022.

PORTALT5. POPULAÇÃO NEGRA DA PB É DE APROXIMADAMENTE 50%, APONTA IBGE, **PORTALT5**, Paraíba 2020. Disponível em <https://www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/populacao-negra-da-pb-e-de-aproximadamente-50-aponta-ibge/>. Acesso em 06/11/2021.

PARAÍBA. JOÃO AZEVEDO RECEBE PRÊMIO DO CLP EM SÃO PAULO, COMO DESTAQUE NA PARAÍBA EM EDUCAÇÃO. Paraíba, 2021. **Governo do Estado da Paraíba**. Somos todos Paraíba. Disponível em <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao-e-da-ciencia-e-tecnologia/noticias/joao-azevedo-recebe-premio-do-clp-em-sao-paulo-como-destaque-da-paraiba-em-educacao-2>. Acesso em 03/04/2022.

**RACISMO SUTIL**: Vamos repensar nosso vocabulário? Programa SESC SENAC de diversidade. **PARATODOS**. Fecomécio RS, 2020. Disponível em <file:///C:/Users/Philco/Downloads/Cartilha-Palavras-Racistas.pdf>. Acesso em 15/04/2021.

SARAIVA, Adriana. População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. IBGE: **Agencia IBGE Notícias**. Estatísticas sociais, 2019. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acesso em 06/11/2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil-1870-1930. **Companhia das Letras**. São Paulo 1993.p. 1-373

SILVA, René Marc da Costa. A Constituição de 1988 e a Discriminação Racial e de Gênero no Mercado de Trabalho no Brasil. **Revista de Informação Legislativa**. Ano 50, número 200,p. 1-20, 2013. Disponível em [https://www12.senado.leg.br/ril/edico/s/50/200/ril\\_v50\\_n200\\_p229.pdf](https://www12.senado.leg.br/ril/edico/s/50/200/ril_v50_n200_p229.pdf). Acesso em 11/10/2022.

SANTOS, Eleonora Vaccarezza. **A influência da cor da pele nas representações sociais sobre a beleza e feiura**. São Cristóvão- Sergipe, 2015.p. 1148. [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5971/1/ELEONORA\\_VACCAREZZA\\_SANTOS.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5971/1/ELEONORA_VACCAREZZA_SANTOS.pdf). Acesso em 18/04/2021.

WESCHENFELDER, Vivian Inês, et al. A cor da mestiçagem: O pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo. **Análise Social**. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2018. p. 308-330. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/n227a03.pdf>. Acesso em 15/03/2022.